

DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES

¹Adriana Karla Candido da Silva. ¹Kilma Fábila da Silva Xavier. ²Sidrack Lucas Vila Nova Filho.

¹Adriana.20190200061@aluno.faculdadedospalmares.com.br. Graduanda em enfermagem pela Faculdade dos Palmares - FAP

¹Kilma20190200090@aluno.faculdadedospalmares.com.br. Graduanda em enfermagem pela Faculdade dos Palmares - FAP

²sidracklucas@hotmail.com. Docente da Faculdade dos Palmares - FAP

Resumo

A adolescência é uma fase do ciclo de vida caracterizada pela transição da infância para a vida adulta. No campo da sexualidade, o jovem pode ter dificuldades em entender o próprio corpo e todas as mudanças que ocorrem neste período, visto que o desenvolvimento sexual acontece de maneira acelerada. É um período de carência de orientações consistentes que acrescida da inserção limitada aos serviços de atenção primária à saúde, favorece atitudes de risco. Em algumas famílias, o sexo é um assunto proibido, com isso os jovens procuram informações fora de casa podendo obtê-las erroneamente, tornando-os mais vulneráveis a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou ter uma gravidez não planejada. O objetivo do trabalho é identificar os desafios da educação sexual de adolescentes. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, utilizando tais bases de dados Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), onde foram inclusos os artigos publicados entre os períodos de 2018 a 2023. O empoderamento sobre as questões referentes à saúde melhora a qualidade de vida da população ao promover o autocuidado e a diminuição de agravos, na adolescência a educação sexual deve iniciar ainda na pré-puberdade, pois esse público já tem conhecimentos sobre o assunto, ainda que sejam insuficientes e muitas vezes incorretos. As principais abordagens para a promoção da saúde sexual são nas escolas, por possuir um grande número de jovens possibilitando uma facilidade no contato. Para dialogar sobre sexualidade é necessário ultrapassar várias barreiras como o confronto de gerações e as divergências culturais.

PALAVRAS CHAVES: Educação Sexual, Adolescentes e Educação em Saúde.

Abstract

Adolescence is a stage in the life cycle characterized by the transition from childhood to adulthood. In the field of sexuality, young people may find it difficult to understand their own bodies and all the changes that occur during this period, given that sexual development takes place at an accelerated rate. It is a period of lack of consistent guidance which, added to the limited access to primary health care services, favors risky attitudes. In some families, sex is a forbidden subject, so young people seek information outside the home and may obtain it incorrectly, making them more vulnerable to contracting Sexually Transmitted Infections (STIs) or having an unplanned pregnancy. The aim of this study is to identify the challenges faced by nurses in providing sex education to adolescents. Empowerment over health issues improves the population's quality of life by promoting self-care and reducing health problems. Sex education in adolescence should begin in pre-puberty, as this audience already has knowledge on the subject, albeit insufficient and often incorrect. The main approaches to promoting sexual health are in schools, because they have a large number of young people, making it easier to get in touch. Talking about sexuality requires overcoming various barriers, such as the clash of generations and cultural differences. This study will be a review, using the databases Nursing Database (BDENF), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (Scielo), which will include articles published between 2018 and 2023. Repeated studies, those with no abstract or full text available and those that do not fit the theme will be excluded.

Keywords: Sex Education, Adolescents and Health Education.

Introdução

De acordo com o que dispõe no art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em sua lei de número 8.069, de 13 de julho do ano de 1990, é considerada criança toda e qualquer pessoa que tenha até 11 anos e 11 meses de idade, sendo considerada adolescente toda e qualquer pessoa com idade de 12 a 18 anos de idade (Ramos et al., 2022).

A adolescência é uma fase do ciclo de vida caracterizada pela transição da infância para a vida adulta, na qual os jovens passam por mudanças físicas, sexuais e cognitivas (Gasparetto et al., 2019). No contexto biológico adota-se tanto para o Ministério da saúde (MS), quanto para a Organização Mundial da Saúde (OMS) que a adolescência é compreendida como a segunda década de vida, indo dos 10 aos 19 anos de idade (Ramos et al., 2022).

No campo da sexualidade, ela engloba a passagem da infância para a vida adulta, de forma que cada indivíduo experimenta essas mudanças da sua maneira, de acordo com o contexto que está inserido (Batista et al., 2021). O adolescente pode ter dificuldades em entender o próprio corpo e todas as mudanças que ocorrem neste período, visto que o desenvolvimento sexual acontece de maneira forte e acelerada (Azevedo et al., 2021).

Conforme De Rossi et al. (2021) mesmo tendo acesso aos meios de informações nas plataformas digitais, a questão da sexualidade ainda é encarada como um tabu por grande parte das pessoas, principalmente pelo ambiente intra familiar, dificultando o diálogo com os adolescentes. A educação sexual é de responsabilidade da família e se estende ao espaço escolar, porém existe um recuo de pais ou responsáveis diante deste assunto, influenciados pelas crenças, valores pessoais, familiares, normas morais e tabus da sociedade (Barbosa et al., 2019).

Nesse contexto, a educação sexual consiste em ações de educação em saúde que contribua no desenvolvimento de práticas críticas e reflexivas, é necessária a definição de campos de ação para a promoção da saúde como, por exemplo, a construção de políticas públicas; reorientação dos serviços de saúde; desenvolvimento de habilidades individuais; e

reforço da ação comunitária, por meio da responsabilidade social (Costenaro et al., 2020).

Segundo Ramos et al. (2022), em algumas famílias, o sexo é um assunto proibido, com isso os jovens procuram informações fora de casa podendo obtê-las erroneamente, assim, os adolescentes ficam mais vulneráveis a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou ter uma gravidez não planejada. Em 2019, o Brasil concentrou mais de 40% das novas infecções por ISTs, em adolescentes e adultos jovens, de 15 a 19 anos, caracterizando um aumento de 53%, em relação ao período de 2004 a 2013 (Souza et al., 2021).

Portanto, para diminuir os casos de ISTs é necessário que os profissionais de saúde estejam engajados em ações que conscientizem os adolescentes sobre a importância de se prevenir, e quanto aos agravos de saúde caso ocorra infecção. Além disso, as medidas de prevenção devem envolver ações conjuntas do governo, escolas e famílias (Winter, Dezord, Kolankiewicz, 2022). De tal modo, o objetivo do estudo é identificar os desafios a educação sexual a adolescentes.

Metodologia

O estudo trata-se de revisão integrativa da literatura, com artigos de 2019 a 2023 sobre o tema Desafios da enfermagem na educação sexual dos adolescentes. Os estudos foram selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: artigos originais na língua portuguesa publicados nos últimos 5 anos que abordem sobre os desafios da enfermagem na educação sexual dos adolescentes. Foram excluídos os estudos repetidos, os que não tenham resumo nem texto completo disponível e os que não adequem ao tema. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados: SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), LILACS (Literatura latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) BDEF a respeito dos Desafios da Enfermagem na Educação Sexual de Adolescentes. Para isso a pesquisa se baseou nos seguintes descritores: “Adolescentes”, “Educação sexual” e “IST’s”, com os cruzamentos: Adolescentes AND Educação sexual; Adolescentes AND IST’s; Educação sexual AND IST’s, e por fim, Adolescentes AND Educação sexual AND IST’s. A seleção dos artigos foi

realizada de forma independente, foram lidos os títulos e subsequentemente os resumos para a eleição dos artigos a serem lidos na íntegra e assim selecionar os que realmente fazem parte do estudo.

Resultados e Discussão

Dos 2808 artigos separados, foi realizada uma triagem pelo título e resumo. Destes, 2587 excluídos pelo idioma, resumo e título, 180 artigos excluídos por repetição, 41 estudos elegíveis pela avaliação, 36 estudos excluídos pela avaliação do texto completo, restando 05 para análise mais aprofundada diante a proximidade com nosso objetivo e critérios de seleção

O Quadro 1 (APÊNDICE B) sumariza as informações dos artigos utilizados sobre a iniciação sexual precoce, os fatores influenciadores desta iniciação, o conhecimento sobre a sexualidade e a importância das oficinas como meio de realização da educação em saúde.

Os resultados apontados nos artigos de Vieira et al. (2021) e Araújo et al. (2023) trazem informações sobre a iniciação sexual precoce (ISP) e os fatores influenciadores nessa iniciação. Em seu estudo transversal descritivo, e quantitativo, Vieira et al. (2021) visualizaram uma prevalência da iniciação sexual de 47,9%. Cerca de 55,2 % da amostra teve a primeira relação sexual com idade ≤ 14 anos. Também foi observada a tendência de iniciação sexual precoce no sexo masculino, em comparação ao sexo feminino.

Araújo et al.(2023) trazem os principais fatores que contribuíram para a ISP em seu estudo realizado com 18 adolescentes em contexto de diversidade de gênero, entre 15 e 19 anos. A menor idade relatada para a primeira relação sexual foi de 10 anos e a maior, 17 anos de idade, apresentando média de 13,6 anos.

O artigo ainda discute alguns fatores que, possivelmente, foram os gatilhos para a ISP, o desejo, a curiosidade, pressão psicológica, o medo da exclusão social e a vergonha (Araújo et al., 2023).

O estudo conduzido por Silva et al. (2020) investigou de maneira aprofundada o nível de compreensão dos adolescentes acerca da sexualidade, envolvendo 136 participantes. Os resultados obtidos revelaram que os adolescentes

mais velhos demonstraram um entendimento mais aprimorado sobre o tema.

Um aspecto notável do estudo foi a constatação de que famílias com o pai como único progenitor apresentaram um conhecimento inferior, sugerindo que a postura mais reservada, menos participativa e menos permissiva dos pais em comparação com as mães pode desempenhar um papel significativo nessa disparidade. Esses resultados destacam a importância da dinâmica familiar na formação do conhecimento sexual dos adolescentes (Silva et al., 2020).

Um achado intrigante foi a influência positiva da condição de solteiro ou divorciado/separado dos pais no conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. Isso sugere que a estrutura familiar, quando alterada nesse contexto, pode proporcionar um ambiente mais propício ao diálogo e à compreensão aberta sobre questões sexuais. Esses insights contribuem para uma compreensão mais abrangente das influências familiares no desenvolvimento do conhecimento sexual dos adolescentes (Silva et al., 2020).

As habilitações literárias influenciam o conhecimento sexual dos adolescentes, sendo este maior, quanto maior for à escolaridade dos pais (Carvalho et al., 2017). Além disso, Silva et al. (2020) também visualizaram que a escolaridade e a profissão dos pais influenciam o conhecimento sobre a sexualidade, cujo adolescentes filhos de mães com ensino superior apresentaram melhores conhecimentos, e que pelo menos um dos pais são da área da saúde.

Com relação à prevenção da gravidez, as jovens apresentaram melhores conhecimentos, muito provavelmente pela preocupação na temática já que, socialmente, a gravidez ainda incorre em consequências mais diretas e imediatas para as adolescentes e naturalmente a procura da pílula do dia seguinte ou o aborto (Li et al., 2017).

Monzoy-Gazon et al. (2022) em seu estudo trazem a educação como pilar fundamental para a saúde sexual do adolescente, contudo há um distanciamento dessa discussão para adolescentes rurais. Os processos de socialização da adolescência nas comunidades rurais apresentam uma produção de relações que envolvem interações próximas com sujeitos e espaços, como a escola, o serviço de saúde e a igreja(Izquierdo et al., 2020).

Nesses espaços, a intimidade e sexualidade dos adolescentes são mais expostas e vulneráveis ao julgamento e à punição. O tabu, visibilizado refere-se à palavra e à ação, inevitavelmente transformada em uma prática carregada de presunções negativas e moralistas sobre o adolescente, como um sujeito que pensa e atua sem capacidade de reflexão e de forma equivocada. Ainda, julga-se o adolescente como aquele que tem práticas sexuais que atentam contra a forma adequada de viver a sexualidade (Zanatta et al., 2016).

Em seu estudo, Magrin et al. (2022) mostram o impacto de oficinas sobre a sexualidade. As oficinas duraram em média 1h45 e foram realizadas em sala de aula e no pátio da escola, eram previamente planejadas levando em conta o tempo disponível e a temática a ser discutida. As facilitadoras buscavam criar vínculo com os estudantes por meio de conversas descontraídas que suscitavam a reflexão, com o objetivo de sensibilizar para a temática do dia. Em seguida, realizavam-se atividades como: dinâmicas, roda de conversas, estudo de caso, jogos temáticos e debate de multimídias. A maioria dos estudantes avaliou bem as metodologias utilizadas, com sugestões de mais atividades extraclasse.

Além disso, relataram a satisfação com os temas abordados, como por exemplo, informações sobre ISTs, tratamentos e curas. Quando foram perguntados sobre o que eles haviam gostado nas oficinas, o destaque nas respostas se deu sobre o conhecimento das facilitadoras acerca dos assuntos discutidos e também das dinâmicas realizadas com o grupo, além das temáticas em geral (Magrin et al., 2022).

Conclusão

Com conclusão, destaca-se o silêncio que os pais criam sobre o sexo na adolescência, seja por receio de incentivar a prática sexual dos filhos, por falta de conhecimentos ou pela vergonha de conversar sobre sexo e os métodos de prevenção prejudica no conhecimento sexual de adolescentes.

Assim, a integração da escola, pais e responsáveis na educação sexual dos adolescentes é de extrema necessidade e importância. Criar um ambiente dentro da família e das escolas, onde

haja a promoção de discussões e problematização das questões referentes à sexualidade trazidas pelos jovens, destacando-se o debate relativo à noção de responsabilidade associada ao relacionamento sexual.

Nesse sentido, haverá a contribuição destes, com o processo de adesão às práticas de comportamento preventivo, favorecendo a sua participação no processo de escolhas, como a dos métodos anticoncepcionais, bem como a emancipação dos mesmos no campo dos direitos e deveres sexuais e reprodutivos

Referências

Araújo, WallacyJhon Silva et al. Iniciação Sexual Precoce de Adolescentes Masculinos em Contexto de Diversidade de Gênero. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 32, p. e20220285, 2023.

Azevedo, Lidiane Cristina Montanholi de Mendonça; De Oliveira Costa, Marli. A importância da conscientização da IST na adolescência e como a enfermagem pode contribuir para a diminuição destas infecções. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e343101321393-e343101321393, 2021.

Barbosa, Luciana Uchôa et al. O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 2, 2019.

Batista, Mikael Henrique Jesus et al. Atuação do enfermeiro na educação sexual na adolescência no contexto escolar. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 4819-4832, 2021.

Carvalho, C. P. et al. Knowledge about sexuality: Construction and validation of an assessment instrument for adolescents. **RevPortugEduc**, v. 30, n. 2, p. 249-74, 2017.

Costenaro, Regina Gema Santini et al. Educação Sexual Com Adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 100544-100560, 2020.

De Rossi, Letícia Farto et al. Educação em saúde relacionada a sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis: Uma revisão

integrativa. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 9-17, 2021.

Gasparetto, Aline dos Santos et al. Contextos de vulnerabilidades vivenciados por adolescentes: desafios às políticas públicas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, 2020

Izquierdo, Jose Maria de Jesus; Paulo, Maria de Assunção Lima de; Santos, Valdonilson Barbosa dos. Juventude rural e vivências da sexualidade. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 27, p. 1265-1283, 2020.

LI, Chunyan et al. The relationships of school-based sexuality education, sexual knowledge and sexual behaviors—a study of 18,000 Chinese college students. **Reproductivehealth**, v. 14, p. 1-9, 2017.

Magrin, Nicolly Papacidero et al. O impacto de oficinas sobre sexualidade: um relato de experiência com estudantes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. e230929, 2022.

MONROY-GARZON, Adriana Marcela; SILVA, Kênia Lara da. Silenciamento da sexualidade do adolescente no contexto rural. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210572, 2022.

Ramos, Surama Michele do Nascimento et al. Adolescência: desafios entre pais e filhos na educação sexual. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8, p. e1511830368-e1511830368, 2022.

Silva, Sílvia Manuela Dias Tavares da et al. Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020.

Souza, Vanessa Bernardo da Silva et al. Promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 8, p. e7510-e7510, 2021

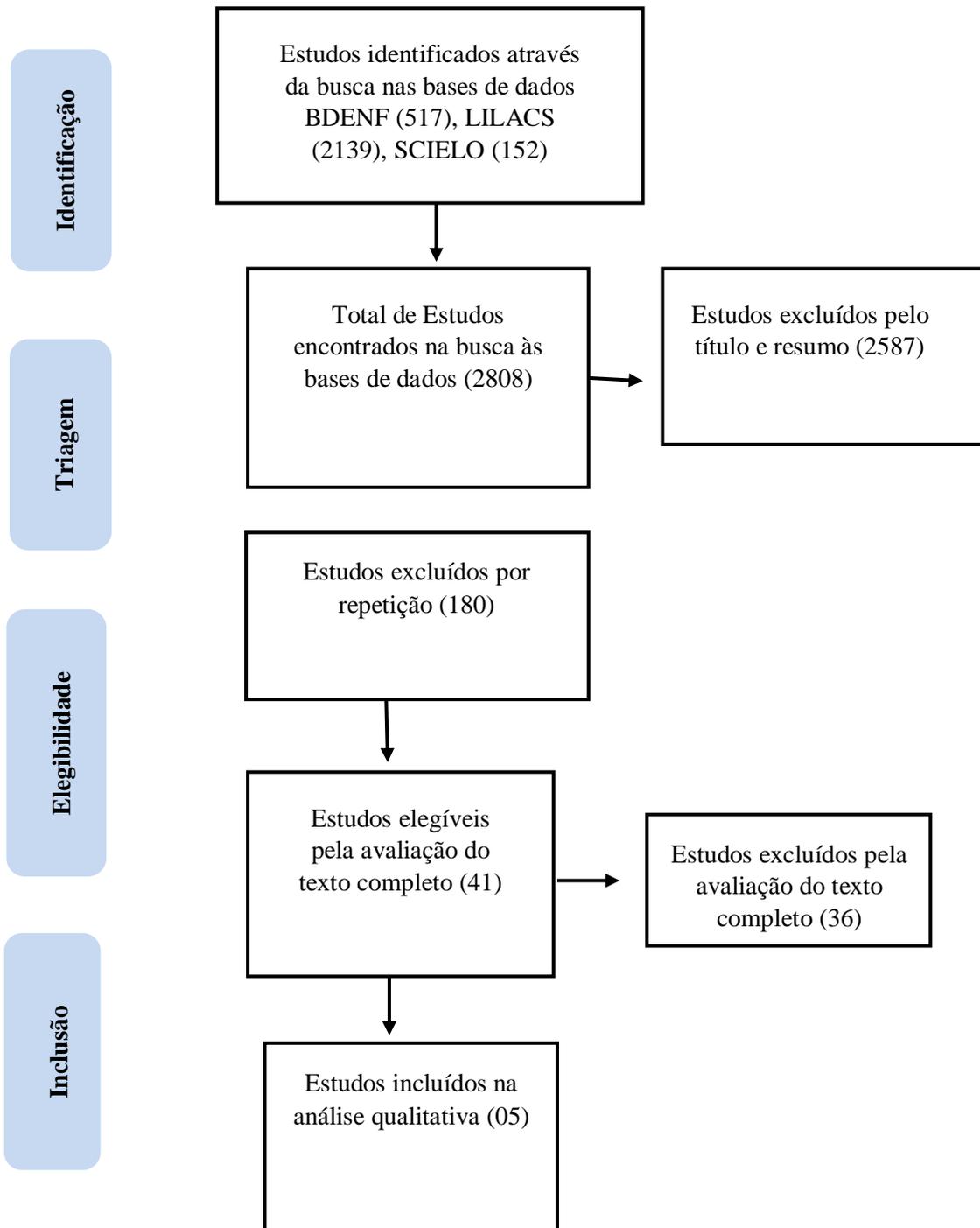
Vieira, Kleber José et al. Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2021.

Winter, Vanessa Dalsasso Batista; Dezordi, Cátia Cristiane Matte; Kolankiewicz, Adriane Cristina Bernat. Importância da Educação Sexual ao

Adolescente. **Salão do Conhecimento**, v. 8, n. 8, 2022.

Zanatta, Luiz Fabiano et al. A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: percepções dos (as) educandos (as). **Educação e Pesquisa**, v. 42, p. 443-458, 2016.

APÊNDICE A. Fluxograma 1:



APÊNDICE B: Quadro 1: Sumarização dos artigos utilizados na pesquisa de acordo com objetivo, método e resultados.

Autor	Objetivo	Método	Resultados
Monroy-Garzon et al. (2022)	Analisar o discurso sobre a sexualidade do adolescente no contexto rural e as perspectivas para romper com as ordens do discurso.	Pesquisa-ação desenvolvida em duas escolas rurais: uma no Brasil e outra na Colômbia. Para análise dos dados foi aplicada a Análise Crítica do Discurso.	A sexualidade do adolescente no contexto da escola rural é atravessada por dispositivos que produzem o silenciamento. A construção da sexualidade é marcada pelos modelos biomédico, biológico e sexista que se exacerbam no contexto rural.
Araújo et al. (2023)	Compreender o processo de iniciação sexual precoce de adolescentes escolares masculinos em contexto de diversidade de gênero, à luz da Teoria de Madeleine Leininger.	Pesquisa descritiva, exploratória de abordagem qualitativa, realizada com 18 adolescentes escolares na cidade do Recife-Pernambuco, Brasil. As entrevistas individualizadas ocorreram nos meses de junho a dezembro de 2019 e, para produção do material empírico, empregou-se um roteiro de entrevista semi-estruturado.	A partir das entrevistas, emergiram quatro eixos temáticos: Fatores influenciadores na iniciação sexual precoce; Vivência na iniciação sexual precoce; Identidade de gênero em contexto de múltiplas masculinidades e aspectos culturais relacionados à iniciação sexual precoce. A iniciação sexual constitui-se como um requisito para o adolescente masculino ser respeitado e aceito em um grupo. Compreende-se que a sexarca precoce delimita-se principalmente pela imaturidade emocional e carência de conhecimentos, expondo-os a situações de vulnerabilidades.
Vieira et al. (2020)	Identificar a prevalência do início da atividade sexual em adolescentes e a prática de sexo seguro entre os mesmos.	Estudo transversal realizado com 499 adolescentes, em Pouso Alegre, Minas Gerais, de fevereiro a abril de 2017, por meio de um questionário auto aplicado e semi estruturado, contemplando iniciação, práticas sexuais, conhecimento sobre contracepção, prevenção de infecções sexualmente	A prevalência da atividade sexual foi 47,3%, com idade média da sexarca de 14,1 anos, e tendência de iniciação sexual precoce no sexo masculino. Um terço das primeiras relações sexuais foram desprotegidas. (33,9%). As participantes do sexo feminino apresentavam maior conhecimento a respeito de contracepção e prevenção de doenças, menor adesão ao uso de preservativos e maior utilização de contraceptivos orais e de emergência.

		transmissíveis e participação em atividades educativas sobre o tema.	
Silva et al. (2020)	Realizar o diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade para a implementação, à posterior, de um programa específico e direcionado de intervenção.	Estudo observacional-descriptivo, quantitativo, transversal, numa população de 250 alunos à frequentar o décimo ano. Aplicou-se um questionário com caracterização sócio demográfica e o Questionário de Conhecimentos sobre Sexualidade (QCS), constituído por 25 questões de resposta dicotômica (verdadeiro ou falso) e organizado em seis dimensões.	Amostra de conveniência de 136 adolescentes, entre os 14-19 anos, majoritariamente do sexo masculino (54,4%). A média de conhecimento é de 18,6 (DP=2,71), sendo as áreas em que os adolescentes apresentam menores conhecimentos as seguintes: “Primeira relação sexual e relações sexuais”; “Prevenção da gravidez”; e “Aconselhamento e atendimento em saúde sexual e reprodutiva”. Existe apenas diferença significativa favorável às meninas na dimensão “Prevenção da gravidez”. Como fatores que influenciam positivamente o conhecimento dos adolescentes identificam-se a escolaridade ao nível do ensino superior dos pais com enfoque maior nas mães, e um dos pais serem profissional de saúde.
Magrinetal. (2021)	Dialogar sobre a sexualidade e promover discussões para a prevenção a ISTs por meio de 9 oficinas, com participação de 18 estudantes	Essas oficinas foram avaliadas a partir de dois questionários e os dados tratados em três eixos: Avaliação das Oficinas – Metodologias e Facilitadoras; Avaliação dos Adolescentes como Multiplicadores e Avaliação da Importância da Temática para os Adolescentes.	As oficinas propiciaram um meio para a promoção de comportamentos de prevenção a ISTs, para o incentivo do exercício responsável da sexualidade e possibilitou a formação de vínculo entre facilitadoras e adolescente